



MULHER INDÍGENA: ESPIRITUALIDADE, ARTE E RESISTÊNCIA

ENTREVISTA COM POTYRA KRIKATI GUAJAJARA

Judith Payró Jordan

Potyra, mulher indígena que veio de uma aldeia no Maranhão para o Rio de Janeiro, tem ancestralidade krikati e guajajara, e é uma das lideranças da resistência indígena na Aldeia Maraká'nà e no Centro de Etnoconhecimento Socio Ambiental Cauré (Cesac).¹ Junto com mulheres indígenas de etnias diversas vem realizando ao longo de mais de dez anos uma roda de mulheres que costuma acontecer em noites de lua cheia e que é conhecida como o Círculo Sagrado das Mulheres. Nesse espaço de encontro de mulheres é possível achar também todas as formas de expressão artística indígenas, como são as plumárias, os complementos feitos com sementes e miçangas, os grafismos feitos com urucum e jenipapo, a tecelagem para a elaboração de redes, tipoias, bolsas e complementos, a cestaria, a poesia e a música dos cantos... As artes nas sociedades indígenas estão intimamente ligadas ao cotidiano, e toda arte vai sempre vinculada a uma função prática, seja alimentação, repouso, manifestação da espiritualidade (como nos maracás, os grafismos na pele para proteção etc.).

Judith Payró Jordan *O uso da pintura corporal e do rosto com jenipapo e urucum é uma prática artística comum a muitos povos originários, e ela acontece também no Círculo Sagrado das Mulheres. Qual é o significado dessa ação e da arte efêmera no corpo?*

Potyra Krikati Guajajara *É... Cada roda do Círculo Sagrado tem um preparo para o ritual. Cada povo tem seus rituais e uns preparamentos para os rituais, e a gente faz aqui na Aldeia, um preparo com ervas, com defumação e também com as pinturas e os grafismos, e fazemos mais com urucum... porque estamos trabalhando com urucum e jenipapo, mas a gente trabalha na roda mais o urucum. É o sagrado da mulher.*

JPJ *Como começou essa roda de mulheres?*

PKG *A roda de mulheres, ela começou no Cesac, que fica no final do [Complexo do] Alemão. Então, lá a roda começou com as mães das crianças que faziam capoeira; eu chamei elas para fazer uma conversa sobre os próprios filhos delas. Aí eu achei muito importante. Elas participaram porque os filhos delas estavam fazendo capoeira, e ao mesmo tempo tomavam sopão, o sopão da tarde, com as crianças... e aí elas conheceram o que as crianças estavam fazendo lá no Cesac. Aí elas vieram, e assim foi que começou a roda, no Cesac.*



JPJ *Essa roda de mulheres é conhecida como o Círculo Sagrado das Mulheres. Me diga, Potyra, por que esse espaço de encontro de mulheres é sagrado?*

PKG Então, a roda do Círculo Sagrado das Mulheres a gente lançou aqui, na Aldeia Maraká'nà. Antes era só uma roda de mulheres mesmo, mas o Círculo Sagrado saiu daqui, da Aldeia Maraká'nà, para falar do sagrado indígena: de que são feitas as medicinas, os remédios para a menstruação da mulher, e também da confiança da mulher com a outra... Confiar na outra mulher. Então isso, por isso é chamado de sagrado, e porque também fala da espiritualidade das mulheres indígenas para as outras conhecerem. Aí saiu o Círculo Sagrado da Aldeia Maraká'nà, para todas as mulheres conhecerem como é a espiritualidade das mulheres indígenas. E o que é falado na roda não pode ser comentado fora, por isso fazemos fotos, mas nunca filmamos.

No Congresso Intercultural da Resistência dos Povos Indígenas e Tradicionais do Maraká'nà (Coirem),² uma das coisas que mais chamou minha atenção foi a fala da professora Edinária Guajajara quando explicou que nas comunidades guajajaras nada se faz sem a aprovação das mulheres; elas que efetivamente mandam, e por isso os termos feminismo e machismo não fazem sentido nas suas sociedades tradicionais. Mesmo com a imensa diversidade de povos e culturas originários, acredito que, de uma forma geral, a maternidade e a criação das crianças, assim como o respeito aos mais velhos, costumam a ser centrais para a vida das comunidades indígenas, por serem elas mais intimamente ligadas à Mãe Natureza.

JPJ *De que forma você acha que as mulheres das sociedades patriarcais podem aprender com a espiritualidade, a arte e a resistência das mulheres indígenas?*

PKG Por exemplo, os cantos falam alguma coisa. Todos os cantos são bem fortes. Aí o canto está passando a espiritualidade para outras pessoas. E também a união das mulheres e a simplicidade de cada uma. Porque é assim, as mulheres indígenas têm muito é simplicidade, e acontece que essa simplicidade dentro da cidade grande é muito difícil de achar. Então é por isso que essa roda é importante, para que todas as mulheres encontrem a simplicidade junto com a espiritualidade.

JPJ *Zahy significa lua em Zeg'ete', o idioma do povo guajajara. Por que o Círculo Sagrado acontece sempre em noite de lua cheia?*

PKG Porque a lua está falando da mulher, a lua está falando da menstruação. Então cada ciclo da lua as mulheres ficam menstruadas, as mulheres precisam de algumas medicinas. Assim, toda lua está falando sobre a mulher, e então a gente faz a roda na lua cheia porque aí a lua é mais forte na espiritualidade. Como a gente na roda passa a espiritualidade, então a espiritualidade vai estar mais forte nas mulheres indígenas para poder fortalecer outras mulheres quando elas cheguem enfraquecidas. Também é isso, porque você tem que estar forte também, para poder fortalecer as outras mulheres.

Lista de mulheres indígenas e etnias respectivas que têm contribuído com as suas ancestralidades para a criação e evolução da roda de encontros do Círculo Sagrado das Mulheres da Aldeia Maraká'nà.

Agradecemos a elas e a todas as outras mulheres que têm participado e participam, sempre somando com suas experiências vitais.

Ainara Pires Guarani
Ana Xavante
Cláudia Neves Goytacá



Elaide Wazaizar Bento Guajajara
Júlia Xavante
Juliana Guajajara
Kaê Guajajara
Karlene Pires Guarani
Lola Ashaninka
Mamatcha
Mamiry Guajajara
Márcia Guajajara
Maria Guajajara
Maynumi Guajajara
Mel Xakriabá
Mônica Tripuira Kuaray
Perla Mayra Guajajara
Potyra Krikati Guajajara
Sol Puri

Tapixi Guajajara
Thaiany Guajajara,
Txâma Xambé Puri
Yara Caiapó

Fotos: Acervo Aldeia Maraká'nà

NOTAS

1 Centro comunitário fundado e gerido por Potyra e seu companheiro, José Urutau Guajajara.

2 Congresso organizado pela resistência da Aldeia Maraká'nà e que já teve três edições.